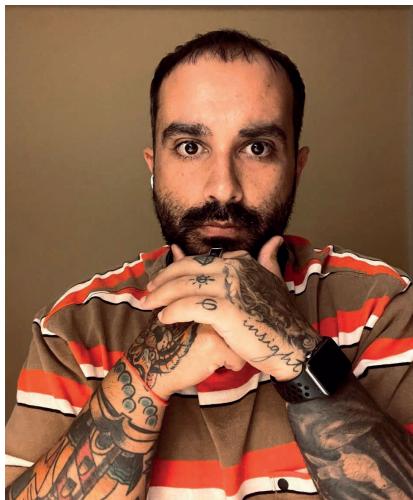


CAPÍTULO 12

O SUBLIME AVESSO EXPERIÊNCIA ESCRITURAL E POÉTICA DA INTIMIDADE EM JUNG E FERNANDO PESSOA(S)

Thiago Domingues

É poeta e psicólogo clínico. Especialista em Filosofia (UMESP) e mestrando em Psicologia da Saúde (UMESP), tem a palavra como matéria-prima de seu trabalho. Pesquisa a interface da psicologia com saúde, leitura, literatura, imaginário e criatividade. Tem dois livros publicados: *InSTRUÇÃO para distantes* (poesia) e *Remédios Imaginativos* (ensaios psicológicos) ambos pela editora Caravana.



Para Eliana Athié, que me revelou Jung e Pessoa.

Tanto C. G. Jung como Fernando Pessoa desenvolveram, cada um a seu modo, percursos imaginativos para uma poética da intimidade¹. Ao cobrir uma extensão até então não mapeada dos *inumeráveis estados do ser* (uma metáfora de Antonin Artaud para designar os ecos e ampliações da profundeza psíquica), Jung e Pessoa fizeram da experiência escritural uma sorte de cartografia labiríntica.

A meu ver, existe uma notável sintonia entre o poeta português e o psiquiatra suíço. Nas escrituras de ambos, a revelação do sublime avesso da vida emerge, é amplificada na logosfera, na forma de uma dinâmica intuitiva e imaginativa. Levo em conta a atmosfera vibrante e múltipla, como também ordenada e referida a um centro que identifico tanto na obra de Jung, como na de Fernando Pessoa. Assim pretendo

¹ Deveremos aos devaneios *bachelardianos* uma contribuição imaginativa para a noção de intimidade aqui empregada. Remetemos o leitor à: BACHELARD.Gaston. A poética do espaço. Rio de Janeiro. Eldorado. 1972

discutir, à luz da heteronomia pessoana (e das fantasias junguianas do *Livro Vermelho*) a experiência escritural, aqui entendida como atitude que propicia uma compreensão mais plural e profunda de nós mesmos.

O psiquismo arcaico organiza-se em torno de personagens fantásticos emanados do inconsciente-talvez mesmo do inconsciente coletivo de que nos fala Jung [...]. O que se chama de saúde mental não passa do esforço constante, mais ou menos bem sucedido, para manter a unidade e a identidade do eu sobre o caos do psiquismo sempre ameaçando romper as comportas da racionalidade (KUJAWSKI,1979:56)

Para escrever este texto, quero retomar a noção de *poética* de Paul Valery, como sendo “a pura e simples noção de fazer” (VALLÉRY,2020: 23). É na confluência de estados em que se coagulam fluxos, devires e experiências que

cabe à função poética recompor universos de subjetivação artificialmente rarefeitos e re-singularizados. Não se trata, para ela, de transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimento de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência. (GUATTARI,1993:31).

Nesse sentido, uma poética da intimidade seria, bem mais do que uma categoria teórico-conceitual rígida, uma experiência de cultivo da alma pessoal, de mundo interno e da intimidade, conduzida pela escritura; um movimento multidimensional de atenção (para o mundo e para dentro); um acolhimento (da experiência tal como ela se apresenta à percepção), uma imaginação (contida pelas formas da linguagem), uma desaceleração consciente (deliberada e reflexiva). Desse modo,

A palavra poética não é o comentário de alguma coisa exterior a ela mesma, e sim a atualização da coisa em seu acontecer, com a qual é simultânea: *poiesis*, produção. Produção não só da obra (o poema), como, principalmente, da coisa mesma na transparência da sua executividade, enquanto verificandose, a coisa em obra. A obra artística não significa primariamente o poema, o quadro, a partitura, e sim as coisas ou o mundo *em obra*, acontecendo na revelação da sua intimidade, na erupção do próprio ser (KUJAWSKI,1979:22).

Compreendemos a poética da intimidade um vetor de alcance clínico, cultural, ético, estético e até mesmo político que não corrobora com os dispositivos coloniais de uma psicologia que serve exclusivamente ao ego, que rejeita uma visão de mundo dissociativa, polarizada e excludente de seu oposto e que não está comprometida com o “extrativismo mercadológico” das potências do inconsciente. Tampouco cabem nesta perspectiva certos referenciais narcísicos que apoiam, tanto o cultivo de uma interioridade burguesa e de confinamento, quanto um discurso de autocentrado, com consequente reversão desta em agressão autojustificada, destrutiva da diferença.

Aqui ainda é preciso frisar que, para proceder a essa compreensão, não estamos propondo nenhuma categoria de separação reducionista dentro-fora, bem como entre

outros pares de opostos, mas um engajamento psicológico com novas ou outras matrizes hermenêuticas. Outras que nos permitem refletir acerca do ser e do mundo a partir de uma sensibilidade não condicionada pelos sectarismos defensivos da razão, glorificadores do acaso e indiferentes ao significado. “Trazer para dentro significa levar para o coração, interiorizar-se, tornar-se íntimo em sentido agostiniano” (HILLMAN,2010b: 49).

Nesta proposta de cotejamento entre as experiências escriturais de Fernando Pessoa e Carl Gustav Jung, queremos caminhar liminarmente, no sentido de uma percepção desliteralizada dos fatos e das interações psicológicas, de modo que estas partam de uma “concepção poética da mente” (HILLMAN,2010:24). No âmbito dessa visão, o poeta português e o psiquiatra suíço convergem para revelar uma lógica que subjaz às narrativas que sustentam nossas vidas, e no âmbito da qual as (psico)patologias e outras realidades psíquicas ganham relevo, sentido e são enriquecidas por modos de ser, quando inseridas em uma experiência escritural. Ao mesmo tempo, comprometem-se constantemente com a intimidade (re) imaginada e são amplificadas mitopoeticamente. Trata-se da palavra poética como uma forma de experiência simbólica, escritural, vivida na palavra e posta em circulação no mundo.

Proponho-me a abordar o tema da experiência escritural como uma vivência afetivo-imaginativa que mobiliza e anima a vida psíquica e que apoia o ego numa busca de intimidade como expressão de autenticidade, repouso e harmonia (auto-regulação). É nessa cadência dialógica que o ritmo do coração flui, pois

com o coração, entramos imediatamente na imaginação. Quando o cérebro é considerado o centro da consciência, procuramos localizações literais, ao passo que não podemos considerar o coração com o mesmo literalismo fisiológico. O movimento para o coração já é um movimento de poiesis: metafórico, psicológico. (HILLMAN, 2010c:94).

Fernando Pessoa, em seu “Livro do desassossego” diria que é preciso “dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma (PESSOA, 2000:26).

Trata-se de o ego começar a se permitir intervalos poéticos de reflexão e suspensão em meio aos imperativos do coletivo, do tempo contado e medido e dos valores tecnoburocráticos que regem o cotidiano, entre eles, a impessoalidade, que atrofia a sensibilidade. Consideramos a poética da intimidade um refúgio em que a auto-regulação é vivida como recriação constante de si e da vida cotidiana. Este é um registro que encontramos tanto em Jung quanto em Pessoa, da busca por outros canais de percepção e experiência para além dos do ego cartesiano. Em ambos, poeta e psiquiatra, essa atitude resulta num aprendizado de cultivo da alma, na convergência de experiências que contribuem para o desenvolvimento do ego rumo à totalidade psíquica como uma reunião dos muitos que nos habitam.

Nesse sentido, entendemos a experiência escritural como um trabalho de elaboração simbólica do ser mergulhado na vida, uma sorte de *poiesis* existencial, de fruição do ego

consciente do campo da alma. Sua finalidade é apoiar o sujeito na afirmação de seu destino pessoal, posto que se trata de uma convocação ao “daimon”, a metáfora de nossa imagem essencial que se desenvolve no mundo. A imagem do “daimon” como portador de nosso destino nos conduz à etapa de diferenciação necessária entre uma pessoa singular e os discursos coletivos aos quais ela está submetida, retida que se encontra nos labirintos da cultura de massa, ecoando a ordem do estereótipo. Tal consideração deve ser compreendida a partir da teoria platônica, tal como esta foi revisitada por Hillman (1981:171):cada vida constitui uma imagem única que deve se desenvolver no mundo, e que essa imagem clama, em cada indivíduo, por seu desenvolvimento. Tal demanda emerge da natureza, da dimensão do instinto que pressiona o ego a corrigir sua rota e a se comprometer com a imagem essencial que o “daimon” pessoal personifica. Tais coordenadas nos permitem propor a noção junguiana de individuação como um exercício poético da intimidade consigo mesmo recuperada e investida, da ação reguladora da alma sobre o ego. O caminho de integridade pessoal, apontado por Jung na imagem da individuação, sugere formas de recompor os vínculos rompidos pelos dualismos cartesianos, restaurando assim o convívio criativo entre os opostos complementares. A possibilidade de passar a viver na tensão entre os opostos encaminha o ego no sentido da aceitação de sua dualidade complexa, rumo à superação da dissociação que assola o coletivo, na forma de polarizações de toda sorte.

Trata-se de uma experiência primeiramente individual, como o próprio Jung pontua repetidamente. Na alma, os opostos não aparecem dissociados separados, mas associados numa tensão que promove a consciência. Sagrada e arquetípica, essa vivência anima o sentido da vida, recupera a energia e a põe em movimento. Ao desarmar (trazendo a alma de volta), as fantasias maníacas, dissociativas e onipotentes do ego unilateral cartesiano, alojado no discurso ideológico e científico, essas mesmas fantasias perdem seu apelo de verdades absolutas. Um tal mergulho nas profundezas plurais de uma personalidade ampliada calibra a identidade do ego em sua busca por experiências autênticas, que o transcendam e assim ressoem a Anima Mundi. Capaz de ressignificar suas dores e emoções, assim como de viver um despertar legítimo para outras sensibilidades (imaginativa, mítica, cósmica), o ego pode então passar de heroico a imaginal, como propõe James Hillman.

Ao falar a partir do símbolo e das imagens, encontramos em Jung e Pessoa o elogio de um mundo possível, em que o maravilhamento e o senso de pertença se conjugam com a vida cotidiana e seus trânsitos. Pelo devaneio imaginativo, o sujeito retoma a posse de seu mundo interno e uma potência criativa e afirmativa do ser. É na experiência escritural de Pessoa que ganham vida as provocações de um seu oposto-complementar, seu heterônimo Álvaro de Campos, possibilitando ao poeta viver uma inquietação vital, um desafio aos modelos prosaicos de uma ordem de vida banal, em contraposição como em apoio ao ego: “Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? (PESSOA,1980: 248). A pergunta retórica de Álvaro de Campos, contudo, ressoa uma perspectiva na psique

do poeta que confronta o modo de ser convencional de Fernando Pessoa, como também sugere uma desliteralização da consciência. Sobre isso, Hillman escreve:

Literalismo é a doença. Sempre que nos surpreendemos numa postura ou com uma convicção literal estamos perdendo a perspectiva imaginativa, metafórica de nós mesmos e do mundo. (HILLMAN, 1981:17)

Escrever, contudo, não é o mesmo que viver. No “outrar-se”, porém, essa vida escritural como que reinventa o ego, criando um espaço de contraponto a ele, na experiência da escritura. Esse prelúdio ao devaneio de si torna o intento de “analisar” Fernando Pessoa uma tarefa perigosa. Assim como Nietzsche, o poeta português escreveu bem e viveu de forma insatisfatória. O que nos interessa aqui é que, em seu trabalho cifrado, discreto, incrivelmente metódico e caudoso, Pessoa revela um incessante esforço do ego tentando diferenciar-se das capturas do inconsciente. Aqui destacamos, entre tantas outras, a experiência escritural do poeta português, não necessariamente como uma defesa racionalizante da vida, embora não tenhamos elementos para afirmar que seu engajamento com a escritura apequenou sua vida. Talvez possamos dizer que ele vive em sua obra, que sua vida é um compasso criativo/destrutivo de afirmação de ambas. É mais uma vez em Álvaro de Campos que vamos encontrar a voz que aponta para essa aventura de multiplicidade psicológica escritural:

Multipliquei-me, para sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente (PESSOA, 1980: 56).

Ao se deixar conduzir pelo recolhimento contemplativo-imaginativo, Fernando Pessoa sugere possibilidades plurais e possíveis para viver e experimentar-se por meio de suas criaturas-criadoras. Ancorando-se na dramatização psicológica dessas personalidades poéticas, ele se protege da despersonalização. Trata-se de um jogo autenticamente junguiano, orquestrado pelo Self em que diferentes vozes ressoam, não reduzidas à condição de personas heterónimas, mas como aspectos personificados de uma personalidade maior, da qual Pessoa Ele-Mesmo participa, não ocupando um status mais alto, mas em condição de igualdade. Nessa intimidade habitada e intensamente gerativa e regenerativa, Pessoa ensaia e nos dá a ver a condição una e múltipla do humano e da psique. Evocamos aqui, como imagem reitora, a figura de Ariadne, a Senhora Alma que tem nas mãos o fio condutor para guiar o ego heroico perdido em seus labirintos. Na poética heterônima pessoana, enxergamos que

só podemos lidar com os deuses através da poesia, e se a doença é o disfarce dos deuses, então nossa medicina terá de ser repleta de arte e imagens [...] Se fôssemos examinar nossas doenças poeticamente, poderíamos encontrar

uma riqueza de imagens que poderiam falar do modo como vivemos nossas vidas (MOORE, 1993:155).

Ancorar-se na imagem e ressonância simbólica como condição para um conhecimento sensível, na direção de uma poética da intimidade, eis o caminho do poeta português, daimon inspirador e fio condutor dessa experiência escritural. Tanto em Jung como em Pessoa o símbolo ressoa como potestade de sentido. Ao dar voz, pela heteronomia, aos contornos múltiplos e complexos da psique, Pessoa não somente nos conduziu aos valores dessa intimidade polifônica, mas também amplificou poeticamente essa rede de relações. Ao encarar o psiquismo a partir de uma perspectiva poliocular, permutando distâncias para incorporar o plural como familiar, Pessoa se dedicou a um constante exercício de desescavar sua (frágil) constituição psicológica, fundida com a psique arquetípica. Dentre as inúmeras facetas e camadas, a poesia de Pessoa retoma o trânsito e o compromisso inaugural da psicologia (pós) junguiana de rastrear e acolher as excentricidades como janelas por onde a alma se mostra ao ego. Pode-se dizer que Pessoa antecipou (e amplificou) a pergunta-chave arquetípica: O que é que a alma está querendo? (MOORE, 2004:110).

A ESCRITA ATRAVÉS DOS COMPLEXOS OU O EGO COMO MEMBRO DE UMA COMUNIDADE IMAGINAL

Deste ponto em diante, assumimos que a vivência imaginativa de Jung representa um testemunho de como a experiência escritural pode inseminar repertórios e demais competências, no sentido de ampliar uma narrativa biográfica individual em muitas direções. Produção teórico-conceitual e cartografia poética existencial equilibram-se no âmbito da subjetividade individual, muitas vezes vitalizando processos criativos de saúde. Assim,

A multiplicidade de almas é a base da personalidade múltipla e da dissociação da personalidade. A multiplicidade de almas, entretanto, implica algo mais do que a simples possibilidade de patologia. As muitas vozes das muitas almas tornam possível a diferenciação psíquica. [...] A psicopatologia é um efeito de Babel, é a comunicação dissociada entre as muitas vozes da alma (HILLMAN, 1984: 151)

Importa destacar dois fragmentos importantes. O primeiro deles diz respeito a Jung, desde suas lições de psicopatologia com Pierre Janet até os testes de “experiências de associações”, quando ele vem nos apresentar uma nova compreensão dos fenômenos da psique, por meio de sua noção de complexos, isto é

ideias carregadas de sentimento que, com o correr do tempo, se acumulam ao redor de determinados arquétipos, “mãe” e “pai” por exemplo. Quando estes complexos se constelam, fazem-se acompanhar invariavelmente pelo afeto. (SHARP, 1991:37).

Semelhante a um poeta que se coloca na perspectiva do mundo e dos objetos, Jung se coloca na perspectiva da psique e a convida a se expressar, sem contestar suas

necessidades. É com a noção dos complexos, de seu correspondente de uma psique múltipla, fractal, de instâncias autônomas que regem o tecido perceptivo e as estruturas de um complexo egóico, que o giro junguiano vem privilegiar o imaginal psíquico. Se adoecemos, é porque algo em nós pede atenção e cuidado, quer se relacionar conosco através da psicopatologia. Se formos capazes de imaginá-lo, existe algo em nós que “fala”, além da vontade do ego e da razão. O segundo ponto, talvez o que mais nos interesse nesse momento, é a experiência escritural de Jung no Livro Vermelho e seus “heterônimos” (sendo os mais conhecidos, Philemon e Salomé). Nessa obra, o autor estabelece um diálogo criativo com as vozes de sua fantasia inconsciente, às quais ele não estigmatizou a partir de uma experiência psiquiátrica convencional, mas ousou experimentar como ressonância criativa, dentro de um novo campo de percepção. O efeito salutar desse movimento foi assim descrito por ele:

Sentia-me muitas vezes de tal forma agitado que recorri a exercícios de ioga para desligar-me das emoções. Mas como o meu intuito era fazer a experiência do que se passava em mim, só me entregava a tais exercícios para recobrar a calma, a fim de retomar o trabalho com o inconsciente. Quando readquiria o sentimento de mim mesmo, abandonava o controle e cedia a palavra às imagens e vozes interiores[...]. Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções eu readquiria a paz interior. Se tivesse permanecido no plano da emoção, possivelmente eu teria sido dilacerado pelos conteúdos do inconsciente. Ou, talvez, se os tivesse reprimido, seria fatalmente vítima de uma neurose e os conteúdos do inconsciente destruir-me-iam do mesmo modo. (JUNG,2006:204)

O que nos interessa é a experiência escritural e plástica de Jung, porque ele não apenas escreveu o Livro Vermelho, como também o pintou e iluminou e até mesmo à palavra escrita, ele fez questão de conceder uma forma visual solene, arcana, ao lançar mão da caligrafia gótica. Assim, em meio a uma grande crise pessoal, vivida no interior de uma grande crise coletiva, Jung trabalhou para personificar, elaborar, conter e transformar suas emoções, fantasias, símbolos e devaneios em linguagens não catastróficas para o ego, obtendo êxito na formulação de uma identidade e de uma comunidade imaginal.

Imaginando ativamente a psique em múltiplas personalidades, nós evitamos que o ego se identifique com cada e com toda figura num sonho e numa fantasia, com cada e todo impulso e voz. Pois o ego não é toda psique, apenas o membro de uma comunidade (HILLMAN, 2010:95).

Em meio a esse movimento, criativo e disruptivo, Jung soube se manter alinhado com sua personalidade diurna, “cotidiana e tributável”, atendendo a seus pacientes, cuidando de sua família, se relacionando com sua esposa, numa rotina de normalidade que, segundo ele, o impediu de psicotizar. Por meio dessa experiência vivida em duas dimensões, ele remodelou e reinterpretou as percepções do binômio saúde-doença, levando-as para além dos rígidos padrões médicos-mercadológicos e instaurando outras compreensões

que respondem aos fenômenos psicopatológicos de maneira crítica, imaginativa e não dogmática.

O conteúdo do estado patológico não pode ser deduzido-exceto pela diferença de formato- do conteúdo da saúde: a doença não é uma variação da dimensão da saúde; ela é uma nova dimensão da vida. [...] A doença é, ao mesmo tempo, privação e reformulação. (CANGUILHEM,2009: 73)

A aventura de Jung no Livro Vermelho abre possibilidades de reimaginar a cura por meio de processos simbólico-interpretativos de outras instâncias da realidade que não as percebidas pelos enquadramentos pré-concebidos do ego submetido ao coletivo. Remete também a formas de interagir com a realidade objetiva por meio de estratégias da realidade psicológica, quando esta pode disponibilizar ao ego dados que não estão ao alcance de sua visão heroica da vida. A personificação abre o ego a uma concepção de psique complexa, múltipla, politeísta. Em uma carta de 1926 Jung resume esse caminho ao afirmar que

Há necessidade de um estupendo esforço para conseguir reintegrar as partes dissociadas da psique. Isto não acontece com base numa técnica simples e clara de tratamento, mas exige uma atividade criativa, aliada a um conhecimento profundo da psique inconsciente (JUNG,2001:61 cartas)

Não seria exagero dizer que o feito máximo de Jung, levado a cabo no Livro Vermelho, foi viver, articular e legitimar a polifonia de sua comunidade imaginal. Mesmo em suas Obras Completas, a forma e estilo de escrita são permeados - quando comparados aos de Freud, por exemplo - , por um estilo muitas vezes ensaístico, circular-introspectivo, por vezes até mesmo poético-meditativo, carregado de analogias, notas de rodapé cheias de referências a outras narrativas e personagens, com citações fartas e confabulatórias.

Jung é um escritor sobre ficções. E, para Jung, quanto mais ficcional e distante melhor (portanto alquimia, Tibete, Zaratustra, eras astrológicas, esquizofrenia, parapsicologia), pois tais materiais o obrigavam a encontrá-los em um nível igualmente imaginativo. [...]

O estilo de escrever psicologia de Jung toma várias formas, algumas vezes exortativa e apocalíptica, como um pregador herético, outras com as cartas e números de um experimentalista wundtiano, outras ainda com sistemas confusos, linguagens impenetráveis, referências arcanae aos primeiros gnósticos do Oriente Próximo (HILLMAN,2010:57).

Em sua polêmica autobiografia “Memórias, Sonhos, Reflexões”, escrita em parceria com sua secretária e amiga, a também analista Aniela Jaffé, Jung declara que “havia em mim um daimon que, em última instância, era sempre o que decidia” (JUNG, 2006:402). Assim talvez a pergunta que precisamos fazer seria: como permanecer fiel aos movimentos e designos da alma, utilizando uma linguagem árida, pobre de ramificações e destituída de amplitude? Como falar (através) da alma usando o discurso científico, ele mesmo descrente e desautorizador da alma, reduzido à distinção da metodológica positivista? Como permanecer coerente à polissemia do desdobramento especular psíquico sem poder usar a metáfora e sua dramatização?

Eis ai, portanto, a função específica da metáfora- atuar como órgão de transparência da realidade, iluminar a opacidade das coisas, mostrar como elas são “por dentro”, de modo a unificá-las com o *eu* que as vive. Este é o uso adequado da metáfora: revelar. (KUJAWSKI,1979:12).

A perspectiva finalista de Jung na compreensão dos processos psíquicos, como também seu entendimento de ciência e método analítico, o levou muitas vezes a ser preconceituosamente taxado como místico ou esotérico, quando na verdade “a pesquisa junguiana é simultaneamente conhecimento e contemplação” (JACOBI,2013: 102). Para Jung, é a qualidade humana e sua responsabilidade ética que está acima de qualquer abordagem teórica. É por isso que

de qualquer forma, é impossível escapar dos pontos de vista de Freud, de Adler, ou de quem quer que seja. Todo psicoterapeuta não só tem o seu método: ele próprio é esse método. Ars totum requirit hominem (a arte exige o homem todo) diz um velho mestre. O grande fator de cura, na psicoterapia é a personalidade do médico- esta não é dada *a priori*; conquista-se com muito esforço, mas não é um esquema doutrinário. As teorias são inevitáveis, mas não passam de meios auxiliares[...]. É necessário um grande número de pontos de vista teóricos para produzir, ainda que aproximadamente, uma imagem da multiplicidade da alma. (JUNG. O.C.16/1. § 198).

Por compreender e abarcar o anseio holístico, abrangente, de reunião dos opositos, refletindo sobre os limites do discurso científico e o alcance do paradigma científico da modernidade, Jung buscou refletir não somente a partir da ética, como também a partir da intuição ao promover a integração entre os polos objetivo-subjetivo. Segundo a definição de Dilthey, os fundamentos explicativos da psicologia junguiana estão associados aos pensadores que conferiram respeitabilidade científica à compreensão, à introspecção subjetiva e especulação filosófica (FRANCO,2012:18), reunindo ordens de discursos e saberes diversos para fazer florescer sua visão de mundo e de ciência.

Posição semelhante sobre o esvaziamento simbólico do mundo e a pretensão emancipatória da razão também pode ser encontrada nos “Escritos autobiográficos” de Fernando Pessoa, quando este afirma que “ a minha arte é instruir, mas revelar”(PESSOA,2006:321). Até no semi-heterônimo Bernardo Soares, um indivíduo perdido nos labirintos dos próprios pensamentos, encontramos a convocatória de que “pensar é não saber existir” (PESSOA, 2000:79). E como não poderia deixar de ser, é Alberto Caeiro, o mestre dos heterônimos, que vem a indagação fenomenológica:

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?

Sei lá o que penso do mundo!

Se adoecesse pensaria nisso. (PESSOA,2001:139)

O princípio que rege a síntese científica junguiana reside na possibilidade de transfigurar o pensamento casual e unidimensional em uma proposta simbólica de conexão

cósmica, fazendo ressoar nas inteligências (as duas funções psicológicas racionais, pensamento e sentimento) uma dimensão capaz de reconciliar as práticas existenciais com as de conhecimento.

Toda psicologia profunda moderna tem em última instância uma cabeça de Jano, uma face dupla, das quais uma está voltada para a experiência viva, a vivência, e a outra ao pensamento abstrato, o conhecimento. Não será por acaso que, precisamente, tantos pensadores fundamentais e profundos, que viveram no universo conceitual e de linguagem da Europa- seja um Pascal, um Kierkegaard ou um Jung-, esbarraram necessariamente e com fecundidade em paradoxos ao se ocuparem com questões que não tratam de uma região unidimensional da psique, que comporta sentido duplo e uma dupla fase (JACOBI, 2013:105).

Se o fazer científico de Jung é norteado e inesperado do compromisso ético de afirmar as experiências individuais, contra a barbárie do desenraizamento cósmico e o atomismo da modernidade científica, destituída de qualquer *gestalt* integradora e simbólica, sua linguagem precisa ser dotada de uma composição intervalar e restauradora da perspectiva mitopoética. Somente essa experiência escritural, muito mais do que puramente discursiva ou nominalista, é o que confere cobertura e sintaxe dos devires da psique e promove o desocultamento da vida e da beleza em meio à vivência dos processos impessoais e burocráticos, muitas vezes também inevitáveis, do racionalismo instrumental.

Em uma carta de 1952, Jung expõe a um destinatário algumas considerações sobre a crítica feita por Martin Buber à sua ambiguidade. E assim ele revela alguns pontos importantes sobre o porquê de sua linguagem se constituir num compromisso de base e num reflexo fiel para a compreensão da teleologia e dos psicodinamismos que regem a diversidade da totalidade psíquica.

A linguagem que falo precisa ser ambígua, deve ter *duplo sentido*, para fazer justiça à natureza psíquica com seu duplo aspecto. Eu procuro consciente e intencionalmente a expressão de duplo sentido porque é superior à univocidade e corresponde à natureza do ser. [...] A univocidade só tem sentido no estabelecimento dos fatos, mas não na interpretação, pois “significado” não é tautologia, mas sempre contém em si mais do que é afirmado do objeto concreto (JUNG, 2018:245)

É o próprio Jung que vem contextualizar que o surgimento da psicologia analítica responde à novas exigências culturais de reorganização das defesas compensatórias da modernidade, quando a muralha das intelectualizações e o descompasso entre teoria e prática culminou no afastamento das virtudes científicas da vida imaginativa, individual e comunitária. Esse é um movimento de renovação na e pela linguagem, em que se visa recuperação do valor simbólico da palavra possuída por uma ilusão de objetividade. Assim o repertório científico junguiano procura caminhos para que a ciência assuma sua condição de cosmovisão, capaz de despertar sujeito e comunidade para as urgências éticas coerentes do momento histórico.

Sob essa luz, a psicologia analítica é uma reação contra uma racionalização exagerada da consciência que, na preocupação de produzir processos orientados, isola-se da natureza e, assim, priva o homem de sua história natural e o transpõe para um presente limitado racionalmente que consiste em um curto espaço de tempo situado entre o nascimento e a morte. Esta limitação gera no indivíduo o sentimento de que é uma criatura aleatória e sem sentido, e esta sensação nos impede de viver a vida com aquela intensidade que ela exige para poder viver em plenitude. (JUNG. O.C.VIII §739)

O preconceito racionalista oriundo de grande parte do *fazer científico* alimentou a atual atitude de negação da vida e a intolerância predatória com todos os seres viventes. Em meio a esse divórcio que ainda nos impede de atingir uma concepção complexa, plural de mundo e psique, Jung e Pessoa abriram caminhos para uma postura imaginativa que “vê através”, podendo permeabilizar as tradicionais defesas racionalistas e suturar as fendas paradigmáticas da (pós) modernidade. Para isso, protagonizaram eles mesmos seu mundo simbólico, estabelecendo as imagens, o sonho e o poético como fundamentos da vida psicológica. Ao criar imagens e repertórios poéticos para a experiência e também ao vivêlos, ambos colocaram esses dinamismos em diálogo com a cultura e ensejaram a possibilidade de sua atualização no mundo. Seu lembrete é o de que não recebemos o mundo passivamente, mas estamos constantemente a criá-lo e recriá-lo em nossas configurações e percepções imaginantes. Dessa forma Jung e Pessoa nos ajudaram a conceber que é a partir do mundo interior e de sua complexidade que nossa vida se organiza e cria vínculos de significado arquetípicos no coletivo, balanceando assim o princípio da realidade e suas demandas com outros itinerários criativos.

REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2009

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. “Dilthey: compreensão e explicação” e possíveis implicações para o método clínico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [online]. 2012, v. 15, n. 1 [Acessado 6 Abril 2024], pp. 14-26. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S141547142012000100002>>. Epub 13 Abr 2012. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/S141547142012000100002>.

GUATTARI, Feliz. Caomose. **Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro. Ed.34. 1993

JACOBI, Jolande. **A psicologia de C.G. Jung. Uma introdução às Obras Completas**. Petrópolis. Vozes.2013

HILLMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas. Verus Editora. 2010

_____ . **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis. Editora Vozes. 2010b

_____ . **Ficções que curam. Psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler**. Campinas. Verus Editora. 2010c

- _____ . **Estudos de psicologia arquetípica.** Rio de Janeiro. Achiamé. 1981
- _____ . **O mito da análise. Três ensaios de psicologia arquetípica.** Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1984
- JUNG,C.G. Obras Completas. **A dinâmica do inconsciente.** Vol.VIII. Petrópolis. Editora Vozes. [1931] 1984
- JUNG,C.G. **Memórias, sonhos, reflexões.** Petrópolis. Editora Vozes. 2006
- _____ . **Cartas.** Vol. 2. Editora Vozes. 2018
- KUJAWSKI, Gilberto de M. **Fernando Pessoa, o outro.** Petrópolis. Editora Vozes. 1979
- PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego.** Barcelona. Biblioteca Visão. 2000
- _____ . **Poesias de Álvaro de Campos.** Lisboa. Edições Ática. 1980
- _____ . **Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal.** São Paulo. A girafa editora. 2006
- _____ . **O eu profundo e outros eus.** Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2001
- MOORE, Thomas. Cuide de sua alma. São Paulo. Siciliano. 1993
- _____ . **O self original.** Vivendo com o paradoxo e a originalidade. Campinas. Verus editora. 2004
- SHARP,D. Léxico junguiano. **Dicionário de termos e conceitos.** São Paulo. Editora Cultrix. 1991
- VALÉRY, Paul. **Lições de poética.** Belo Horizonte. Editora Ayiné